



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA

**ATA NÚMERO QUATRO**

**ATA DA TERCEIRA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DO ANO DE DOIS MIL E DEZANOVE.**-----

----- Aos vinte e cinco dias do mês abril do ano de dois mil e dezanove, pelas dez horas, na Praça Doutor José Vieira de Carvalho e no Salão Dom Manuel I, no edifício dos Paços do Concelho, reuniu a Assembleia Municipal da Maia, na sua Terceira Sessão Extraordinária, convocada pelo seu Presidente, António Gonçalves Bragança Fernandes, em edital datado de oito de abril de dois mil e dezanove, com a seguinte -----

**ORDEM DE TRABALHOS:**-----

**1. HASTEAR DAS BANDEIRAS NACIONAL E DO MUNICÍPIO;**-----

A cerimónia foi iniciada com o hastear das Bandeiras Nacional e do Município pelo Senhor Presidente da Assembleia, António Gonçalves Bragança Fernandes e pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal, António Domingos da Silva Tiago, respetivamente, ao som das Bandas de Música de Moreira e de Gueifães. Seguidamente, os Grupos Infantis Municipais, protagonizaram um apontamento musical. Posteriormente no Salão Dom Manuel I, no edifício dos Paços do Concelho, deu-se início à Sessão Solene Evocativa do 25 de Abril de 1974. -----

**2. EVOCAÇÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1974.**-----

**O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA, ANTÓNIO GONÇALVES BRAGANÇA FERNANDES,** saudou todos os presentes e informou que na Sessão Solene iriam usar da palavra, em primeiro lugar, o Senhor Presidente da Câmara Municipal, depois cada um dos representantes das forças políticas com assento na Assembleia Municipal, por ordem inversa de representatividade, sendo depois finalizada com a intervenção do Senhor Presidente da Assembleia Municipal. A Sessão seria encerrada com o Hino Nacional – "A Portuguesa", ato ao qual todos se associariam.-----

M  
BA

ds

----- Usaram da palavra os Senhores: -----

**ANTÓNIO DOMINGOS DA SILVA TIAGO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA MAIA**, depois de fazer uma saudação a todos os presentes, proferindo o discurso, documento identificativo com o **número um**.-----

**JOAQUIM SILVA AZEVEDO SOUSA, Deputado do Independentes por Vila Nova da Telha**, depois da sua saudação aos presentes proferiu o discurso, documento identificativo com o **número dois**.-----

**MARIA CLARA DA COSTA LEMOS, do PAN**, saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificativo com o **número três**.-----

**MARIA DE FÁTIMA SILVA, do Bloco de Esquerda**, saudou todos os presentes e de seguida proferiu o discurso, documento identificativo com o **número quatro**.-----

**MANUEL ALFREDO DA ROCHA MAIA, da Coligação Democrática Unitária**, saudou todos os presentes, proferindo o discurso, documento identificativo com o **número cinco**.-----

**CARLA SUSANA FERREIRA DIAS, pela Coligação “Um Novo Começo”**, saudou todos os presentes, proferindo o discurso, documento identificativo com o **número seis**.-----

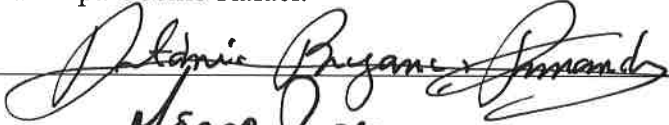
**HÉLDER TIAGO FERREIRA QUINTAS DE OLIVEIRA, pela Coligação “Maia em Primeiro”** depois de fazer uma saudação a todos os presentes, proferiu o discurso, documento identificativo com o **número sete**.-----


**ANTÓNIO GONÇALVES BRAGANÇA FERNANDES, PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA**, depois de fazer uma saudação a todos os presentes, proferiu o discurso, documento identificativo com o **número oito**.-----

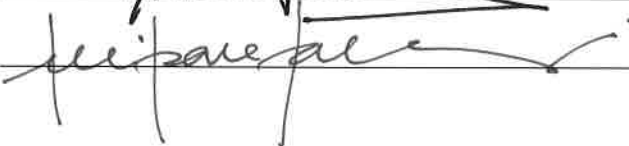
----- Terminadas as intervenções a Sessão foi encerrada com o Hino Nacional - A Portuguesa, ato a que todos os presentes se associaram. -----

----- E sendo doze horas e trinta minutos do dia vinte e cinco de Abril do ano em curso, foi dada por encerrada a Sessão Solene, de que, para constar, se lavrou a presente ata que vai ser assinada pelos Membros da Mesa: Presidente da Assembleia Municipal, António Gonçalves

Bragança Fernandes, pela 1.<sup>a</sup> Secretária, Márcia Isabel Duarte Passos Resende e pela 2.<sup>a</sup> Secretária, Susana Filipa Coelho Rafael. -----

O Presidente: 

A 1.<sup>a</sup> Secretária: 

A 2.<sup>a</sup> Secretária: 

DISCURSO COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 2019



Excelentíssimo Senhor  
Presidente da Assembleia Municipal da Maia,  
**Eng.º António Gonçalves Bragança Fernandes,**

Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Vereadores,

Exma. Senhora,  
Presidente da Junta de Freguesia da Cidade da Maia,  
**Dr.ª Olga Freire,**

Exma senhora e Exmos Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia,

Excelentíssimos Senhores,  
Líderes das Bancadas das Coligações e Partidos com assento nesta  
Assembleia Municipal,

Excelentíssimas autoridades aqui presentes,

Excelentíssimos representantes das coletividades e forças vivas do nosso  
concelho aqui representadas,

Excelentíssimos senhores representantes da comunicação social,

Caras e caros concidadãos,

Caríssimas e caríssimos maiatos,

Quero antes de mais, felicitar o Senhor Presidente da Assembleia Municipal pela convocação desta Sessão Solene Evocativa do 45º aniversário do 25 de Abril e saudar todos os representantes da comunidade concelhia, eleitos pelas diversas forças políticas com assento neste órgão.

Uma saudação democrática que endereço, igualmente, a todas as forças vivas e autoridades aqui presentes, enviando uma palavra especial de saudação e apreço, às instituições culturais e artísticas, Coral Infantil Municipal dos Pequenos Cantores da Maia, Coro Infanto-juvenil dos Fontineiros de Águas Santas e Coro Infanto-Juvenil da Escola Dramática e Musical de Milheirós, pelo contributo que deram no abrilhantar destas comemorações.

Palavra de apreço, também devida, à Polícia Municipal, pela sua participação nos momentos destinados a honrar o símbolo nacional.

Minhas senhoras e meus senhores,

Quem hoje fizer uma leitura atenta do que se passa no Mundo, não pode de modo algum, deixar de se preocupar com as ameaças que pairam sobre a Humanidade.

Destaco de entre elas, a ameaça global à Democracia, com os modernos meios de comunicação e de relação social, a revelarem ser armas devastadoras quando utilizadas para manipular e controlar a opinião



pública, que hoje se vai reduzindo à expressão de uma opinião publicada, numa perigosa perversão da liberdade de expressão e da livre escolha.

Na verdade, em pleno século XXI, quando a cidadania dispõe de poderosos meios e canais para facilitar a informação e esclarecimento sobre as múltiplas possibilidades de livre escolha, aquilo a que estamos a assistir é, por um lado, a uma assustadora captura do poder dos novos media, postos ao serviço de populismos e extremismos antidemocráticos e, por outro lado, a um perturbador desinteresse e afastamento da vida cívica democrática. Um afastamento que no caso dos jovens é alarmante.

Compreendo muito bem e subscrevo por inteiro, a iniciativa que a Assembleia Municipal levou a cabo, ontem à noite aqui neste Salão Nobre, promovendo um exercício de cidadania, dotado de relevante interesse pedagógico e cívico, com a realização da Assembleia Municipal Jovem da Maia.

Esta minha leitura do Mundo e da nossa comunidade, firma ainda mais a minha convicção, que a construção de um futuro de confiança passa na sua essência, por uma aposta muito determinada na educação.

Uma aposta numa educação baseada no novo paradigma de formação, que compagina a aquisição de competências escolares essenciais, com a capacitação para a análise crítica, para o desenvolvimento de ideias inovadoras e dotadas de potencial criativo.

19  Na família e na escola, fundam-se as bases estruturantes de uma Maia socialmente inclusiva, onde todos contam e são importantes. 

Entendo assim que o desígnio da educação não pode ser apenas uma missão do Estado, seja na sua dimensão nacional ou na sua expressão local autárquica.

A educação é um desígnio que para ser alcançado na sua plenitude, convoca toda a comunidade. Convoca a família, a escola, as administrações central e local e todos os atores que constituem o meio social envolvente. É pela via da educação que teremos uma comunidade humana concelhia mais forte, mais ciente do seu potencial transformador e, sobretudo, melhor preparada para decidir o seu rumo.

É nesta lógica de partilha colaborativa e cooperação institucional, que conseguiremos preparar as novas e vindouras gerações maiatas, para o exercício de uma cidadania participativa e responsável, alicerçada em valores democráticos claros e robustos, que as tornarão capazes de tomar nas suas próprias mãos, o futuro dos destinos da comunidade concelhia da Maia, e a outra escala, também do país e do Mundo.

Todos nós, nesta Assembleia, devemos tomar consciência das responsabilidades que nos são próprias, quer enquanto titulares de cargos para os quais fomos democraticamente eleitos, como enquanto cidadãos.

Devemos ter uma intervenção proactiva no desígnio coletivo de formar as nossas crianças e jovens para a Liberdade, para a Democracia e para uma vida de efetiva participação cívica democrática.

Se queremos uma comunidade integralmente sustentável, não basta cuidar, e cuidar bem, da sustentabilidade ambiental, da sustentabilidade social e demográfica e da sustentabilidade económica. É preciso cuidar também, de preparar os nossos jovens, para que sejam genuínos guardiões da Democracia e do pluralismo democrático.

Faz a meu ver todo o sentido, apostar na criação de uma atmosfera cívica amigável, que incremente a participação democrática e seja inspiradora e estimulante para as gerações que estão hoje, e irão estar no futuro, nos bancos das nossas escolas.

Mas a par disso, é igualmente necessário acolher a energia criativa e inovadora da juventude maia, dando-lhe na idade própria, todas as oportunidades de mostrar o seu potencial transformador e capacidade de integração na vida ativa da comunidade.

Sublinho que vários indicadores publicados por entidades independentes, revelam-nos que temos hoje na Maia, uma das gerações jovens mais capacitadas de sempre, dotada de um nível de qualificação científica e académica ímpar.



Além de termos de continuar a trabalhar para incrementar ainda mais esses indicadores, é preciso chamar essa juventude para o centro da vida cívica democrática. Essa será, do meu ponto de vista, a única forma de prevenir e combater o desinteresse e o afastamento dos valores essenciais da vida em comunidade.

Se não seguirmos este caminho, se não educarmos as nossas crianças e os nossos jovens para os valores cívicos democráticos, o que poderemos esperar?

E se não lhes abirmos espaço e os não chamarmos a participar na vida democrática da sua comunidade local e nacional, o que poderemos esperar no futuro?

Creio que se não encetarmos, já hoje, esta integração e partilha intergeracional, dificilmente os jovens se irão interessar, envolver e comprometer com a comunidade no que alude à efetiva participação na vida política democrática.

Enquanto Presidente da Câmara Municipal e líder democraticamente eleito, reafirmo aqui diante vós, sobretudo perante a juventude maiata, que tudo farei para incentivar os jovens da Maia a assumirem uma efetiva participação cívica na vida coletiva.

Na construção do futuro que desejamos de confiança, para continuarmos a ter uma Maia magnética, ótima para viver, trabalhar e investir na criação

de riqueza e de emprego duradouro e melhor remunerado, os jovens têm um papel imprescindível que é seu por direito próprio.


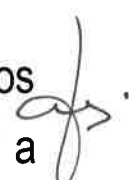
Na construção desse futuro de confiança, que todos almejamos, para uma Maia cada vez mais inclusiva, onde todos contam e são importantes, comigo, os nossos jovens terão uma palavra a dizer e ocuparão o seu insubstituível lugar na comunidade.

Ao acolher a juventude, a comunidade concelhia tem tudo a ganhar.

Tem claramente a ganhar com o seu alto perfil de qualificação académico-científico, com a sua capacitação técnica e profissional e, principalmente, tem muito a ganhar, se souber motivá-la, para que coloque a sua generosidade e sentido da responsabilidade social, também ao serviço da participação na vida cívica democrática das instituições locais.

Celebrar as efemérides históricas, manter vivas as memórias, como estamos agora a comemorar na passagem dos 500 anos do Foral Manuelino da Maia, são atos de inegável valor cultural e social para o reforço da nossa pertença identitária, mas também são momentos propícios à reflexão sobre o futuro coletivo.

E sempre que o futuro nos interpela, o que a nós maiatos, mais nos enche de confiança é o facto de termos uma juventude muito capaz de assumir as suas responsabilidades.

 Com toda a comunidade, crianças, jovens, adultos e seniores, todos juntos, encontraremos no caminho de realização em que temos vindo a trabalhar abnegadamente, todas as razões para sentirmos orgulho coletivo. Razões que dão sentido a uma MAIA A SORRIR PARA A VIDA. 

Muito obrigado.

António Silva Tiago,  
PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DA MAIA

Exm<sup>o</sup>. Senhor Presidente da Assembleia Municipal Eng<sup>o</sup> Bragança  
Fernandes,

Ex<sup>a</sup>. Senhor Presidente da Câmara Municipal Eng<sup>o</sup> António Tiago,

Exas Secretárias da Mesa da Assembleia Municipal,

Exm<sup>os</sup>. Senhores Vereadores,

Ex<sup>a</sup>. Senhoras e Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia,

Exm<sup>os</sup>. Senhores Deputados da Assembleia Municipal,

Exm<sup>os</sup>. Senhores Presidentes de Assembleia de Freguesia,

Exm<sup>os</sup>. Senhores Membros das Juntas e Assembleia de Freguesia,

Exm<sup>os</sup>. Senhores representantes das Instituições Cívicas e Militares,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Hoje comemoramos a liberdade!

Hoje comemoramos a vida!

Hoje assinalamos com orgulho a presença do nosso Povo junto das nações  
dignas e humanizadas.


Expressamos com sentimento de Povo Livre, o reconhecimento e gratidão  
aos militares do Movimento das Forças Armadas – os Capitães de Abril, pela  
oportunidade que nos deram em escolher o nosso caminho, construindo  
um futuro coletivo onde se respeite a diversidade de opiniões e de ideias.

Foi a partir deste gesto, deste simbólico gesto, que aprendemos que mais  
do que aquilo que nos separa, é o que nos une e percebemos o verdadeiro  
sentido da Liberdade.



A alma das sociedades modernas.

A democracia é a liberdade!



É a fonte inspiradora a que sempre regressamos quando do presente não antevemos os contornos do futuro.

45 anos depois, não vivemos num país perfeito, contudo todos os dias caminhamos para o desenvolvimento, lutando para a igualdade de direitos e deveres, para um estado social com maior equidade, para maior prosperidade, solidariedade, liberdade e democracia, para uma maior credibilização do nosso papel enquanto políticos, enquanto verdadeiros servidores da causa pública.

Se isto é ser utópico, então que sejamos!

Sonhar é viver!

Não sejam indiferentes ao sonho da nossa nação, tal como afirmava Almeida Garrett, “o maior inimigo da liberdade é o indiferentismo”.

A história não pertence a ninguém, a história é património dos portugueses, tal como a viveram e hoje é nossa competência lembrar a história, recordar este dia como um dia festivo, um dia de festa para todos.

Um dia em que se renova a esperança num País melhor para todos e sobretudo para as gerações futuras.

Que nunca se perca a história, que nunca se abandone os ideais de Abril.

Enquanto autarcas devemos agir local, mas sobretudo pensar global!

Estes pequenos passos que assumimos nas nossas autarquias são fundamentais para a preservação da nossa história colectiva.

Uma história de direitos, liberdades e garantias que a revolução de 1974 nos legou.

Cumpra agora a cada um, na medida das suas possibilidades, dar o melhor de si próprio na contínua edificação de um melhor país para todos.

*BA* *du*  
*A*

Esta busca incessante de melhores soluções assenta fundamentalmente em boas lideranças e numa maior participação cívica dos cidadãos, esta é a grande lição que nos deixaram todos aqueles que se envolveram no 25 de Abril e de todos que em continuidade aprofundaram os seus objetivos.

Temos consciência de que a democracia é sempre uma tarefa inacabada, mas como escreveu Sophia de Mello Breyner, façamos dos nossos dias “um dia inteiro e limpo” e um “despertar da noite e do silêncio” rumo a uma democracia plena e respeitadora dos mais elementares direitos do homem: a LIBERDADE.

Sejamos livres, todos os dias!

Viva a Liberdade! Viva o 25 de Abril! Viva Vila Nova da Telha! Viva a Maia!

Viva Portugal!

O Líder Parlamentar dos Independentes Por Vila Nova da Telha

Joaquim da Silva Azevedo



## GRUPO MUNICIPAL

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal da Maia e Sras. Secretárias,  
 Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal da Maia e Srs. Vereadores,  
 Caros Colegas deputados,  
 Caras pessoas presentes,

O PAN associa-se às comemorações do 25 de Abril, data que vive no consciente de cada português e que ficará para sempre imortalizada no património imaterial de Portugal como uma das mais belas e marcantes conquistas colectivas da nossa história. Abril é, para os portugueses, o mês da revolução, sendo o seu dia vinte e cinco, acreditamos nós que para sempre, sinónimo de liberdade. É, pois, importante, enquanto sociedade que preza a vida e convivência democráticas, recordá-lo, celebrá-lo e, mais importante, senti-lo como se do primeiro se tratasse. É isso que nos propomos fazer, não apenas hoje, mas sempre, honrando os que no passado se bateram por um Portugal livre e democrático e ladeando os que, tal como nós, pugnam por uma democracia mais forte, consolidada e transparente.

O quadragésimo quinto aniversário do 25 de Abril ocorre num ano particularmente desafiante para a Europa, com a existência de eleições europeias que ditarão, disso ninguém tenha dúvidas, o futuro do projecto europeu. A verdade é que o projecto Europeu está numa encruzilhada, a ponto da própria democracia estar em causa. Seja pela ascensão de movimentos eurocéticos, nacionalistas e extremistas. Seja pela crescente desmobilização dos cidadãos em torno do projecto europeu e que tem no *Brexit* o seu expoente máximo ou mesmo na desacreditação do próprio sistema democrático. Quando no próximo dia 26 de Maio os cidadãos europeus forem chamados a votar, será muito mais do que a escolha de representantes que estará em causa, antes a própria integridade da União.

No mês da revolução e no dia da liberdade, é impossível não questionar a subserviência da Europa à economia e a total desconsideração dos direitos humanos, dos animais e do ambiente. Mas, afinal, quando foi que consensualizámos a prevalência do extrativismo sobre o comércio justo, equitativo e regulado por elevados critérios sociais e ambientais? Quando foi que consensualizámos a indiferença e o despreendimento para com o nosso próximo?



**GRUPO MUNICIPAL**

No mês da revolução e no dia da liberdade, é impossível não questionar a negação em que a Europa mergulhou em matéria ambiental, tentando soluções paliativas para problemas estruturais e mantendo o paradigma do consumo exagerado que delapida recursos e ameaça irreversivelmente a biodiversidade. Mas afinal, quando foi que consensualizámos o paradigma produtivista, intensivo e massificado, a expansão da poluição atmosférica, terrestre e marinha, e a redução ou mesmo extinção de espécies vegetais e animais? Quando foi que consensualizámos que o planeta é nossa propriedade e que as gerações futuras a ele não têm direito?

No mês da revolução e no dia da liberdade, é impossível não questionar a forma condescendente como a Europa convive com a segregação e com o ódio motivados por questões de género, de orientação sexual ou de raça. Mas não apenas, como convive com o flagelo da violência, seja ela doméstica, no parto, contra crianças, no trabalho ou ainda por discriminação laboral em razão do género. Mas, afinal, quando foi que consensualizámos que existem direitos humanos de primeira categoria e outros de segunda, terceira ou mesmo quarta?

No mês da revolução e no dia da liberdade, é urgente questionar. E é importante fazê-lo, justamente, porque como bem sabemos cada ano tem mais onze meses, pelo que a melhor forma que cada um de nós tem de respeitar Abril é transportar para os demais meses do ano os valores, os princípios e a esperança que tornaram aquela data uma realidade tão acarinhada por todos nós.

Maia, 25 de Abril de 2019



Clara Lemos





Assembleia Municipal da Maia


## HÁ LIÇÕES A TIRAR DE UM PASSADO QUE É TAMBÉM O NOSSO

Tal como, há um ano, aqui o dissemos, evocar algo é também preservar a sua memória. Há lições a tirar de um passado, que é também o nosso, e há lições a transmitir aos que não o viveram directamente.

Volvidos 70 anos (em dezembro passado) sobre a proclamação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que foi então um farol de esperança, brilhando sobre os escombros da II Guerra Mundial, evocá-la aqui é saudar o dia em que foi possível unir todas as nações do mundo em torno de uma ideia: NUNCA MAIS A GUERRA, NUNCA MAIS A CARNIFICINA, NUNCA MAIS O ÓDIO!

A sua proclamação dava corpo, em 1948, sob a égide da ONU, à determinação de que aquilo que tinha sido tão rapidamente esquecido, nas 2 décadas que se seguiram ao fim da Grande Guerra, em 1918, não voltasse a ser esquecido nunca mais!

Que não fosse esquecido que os que juraram, em 1919, na Sociedade das Nações, que não mais haveria outra grande guerra, foram os mesmos que abandonaram rapidamente os seus nobres propósitos e entregaram, por cobardia e inércia, o poder a bandos de loucos sanguinários, criando as condições para uma nova guerra mundial!

Neste mundo de “*fake-news*” e da mais abjecta baixeza moral do chamado “sistema”, os populismos “oficiais” e a extrema-direita organizada pavoneiam-se em Portugal, na Europa e no Mundo, ameaçando tudo e todos, espalhando o seu veneno, na maior impunidade.

Lembrar, portanto, que é preciso agir, que é preciso compreender que esse “centro político” dos nossos dias escolheu, desde os tempos de Reagan e Thatcher, governar contra a esmagadora maioria dos seus cidadãos. Deixando, mais uma vez, uma porta aberta, escancarada, esquecendo os 80 milhões de mortos, entre 1939 e 1945.

Dizer NUNCA MAIS, não chega! Quem se abstém de defender a liberdade escolhe um lado. Que não é o nosso!

A globalização, na sua agenda neoliberal, entregou, na prática, todo o poder ao grande capital financeiro, criando a desigualdade profunda e o descontentamento geral que a extrema-direita usou (e usa agora) para florescer e chegar ao poder.

Hoje e aqui, é também tempo de lembrar a data de hoje. Recordar que passaram 45 anos sobre o 25 de Abril. Lembrar que o fim de uma ditadura bolorenta e conseqüentemente o fim de uma guerra interminável, então aconteceram. Porque houve quem fosse capaz de agir, nesta nossa terra, no extremo ocidental da Europa.

De recordar que, então, se abriu um tempo de movimentações populares, de construção de um país com um verdadeiro futuro, de se repetir nas ruas que “o povo é quem mais ordena”. Um tempo de tomada de consciência, de se afirmar bem alto que todas as injustiças e todos os atropelos podem e devem ser combatidos e derrotados, como já aqui o lembrámos, faz hoje um ano!

Mas de lembrar também que, ontem como hoje, houve e há quem tente, dizendo uma coisa e fazendo outras, criar um caminho que nos leva ao passado, fazendo-nos aceitar que, contra nós próprios, contra os nossos sonhos e contra os nossos interesses, o caminho que nos sugerem é “necessário” e/ou “inevitável”. E que foram sendo recompensados por esse trabalho sujo...

Lembre-mo-nos, portanto, que as conquistas de Abril estão presentes na nossa vida e que cabe a nós, e a mais ninguém, defendê-las!

Lembre-mo-nos, portanto, que os nossos hospitais e centros de saúde públicos são nossos.

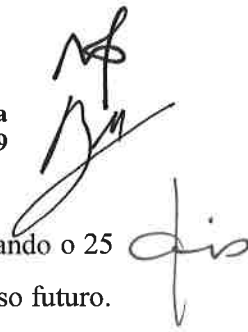
Lembre-mo-nos, portanto, que as nossas escolas e universidades públicas são nossas.

Lembre-mo-nos que não são um negócio para quem o puder pagar, feito à custa do que é nosso!

Lembre-mo-nos, também, que o pouco que ainda sobrevive das leis laborais de Abril à nossa luta se deve. Aqueles que as tornaram mais fracas e ineficazes têm nome e sigla, não parecendo dar-se nunca por satisfeitos na sua cruzada por um país de precários e emigrantes que partem em busca de um melhor futuro.

Lembre-mo-nos que os que tornaram a habitação inacessível às bolsas da maioria de nós, os mesmos que, contra a esperança de Abril, fabricaram a escandalosa legislação hoje em vigor, têm também nome e sigla.

Lembre-mo-nos que são os mesmos nomes e siglas que nos fazem pagar, com os nossos impostos, a salvação de bancos arruinados pelas falcatruas de outros (ou mesmo deles próprios, tamanha é a porta giratória entre a gente do “sistema” e a banca e seguradoras). Para lá de nos obrigarem a uma austeridade imoral durante anos, para que pagássemos duas vezes as falcatruas daqueles outros, em nome daquilo que não tiveram vergonha de afirmar ser “a defesa dos nossos interesses”!



Tal como há um ano aqui o dissemos, a lição que nos parece essencial tirar, evocando o 25 de Abril, é que ele nos mostrou que era possível mudar. Que o futuro sonhado era o nosso futuro.

E também afirmar que o 25 de Abril teve, desde o primeiro dia, adversários que o tentaram silenciar, ou transformar numa data vazia de consequências, para sessões públicas de circunstância. E de que, enquanto o dizem, permitem que haja quem enriqueça à nossa custa e dos nossos filhos e dos nossos sonhos!

Essa é a principal lição que aqui queremos, mais uma vez e sempre, repetir: DEFENDER ABRIL É DEFENDER O NOSSO FUTURO E O FUTURO DA NOSSA TERRA!

25 de Abril Sempre!

**O Grupo Municipal do Bloco de Esquerda**

25.Abril.2019



3.ª Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal da Maia – 25 de Abril de 2019

### Evocação do dia 25 de Abril de 1974

#### INTERVENÇÃO DA CDU

Mais uma vez, comemoramos hoje a Revolução de 25 de Abril de 1974, com renovada gratidão a todos quantos tornaram possível e realizaram essa madrugada libertadora de há 45 anos – desde a resistência heróica ao longo de 48 anos de fascismo, com o sacrifício de milhares e milhares de democratas, de entre os quais é justo destacar os comunistas, à exaltante explosão de alegria e empenhada acção revolucionária das massas populares, passando pelo planeamento, organização e concretização das vitoriosas operações militares que concretizaram a alvorada de um novo tempo.

Volvido já quase meio século sobre esse feito, celebrámo-lo com o júbilo dos primeiros anos da Revolução – os mais velhos de nós conhecendo de experiência vivida o valor incomensurável da liberdade e da democracia; os mais novos cientes de que, sem a Revolução e as inúmeras conquistas do 25 de Abril, Portugal estaria condenado ao atraso económico, social, político e cultural e prisioneiro de concepções que fatalmente o inviabilizariam como país.

Tantos anos passados e tantas vezes evocada essa madrugada que hoje comemoramos, pode haver quem ceda à tentação de resumir o 25 de Abril a um acontecimento demasiado pretérito, alçado à galeria das efemérides cujo significado se dissipa na bruma da História, ou sepultado numa vala comum de desmemória e de silêncio.

Mas hoje, talvez mais do que nunca na história da democracia, é bom estarmos precavidos para essa espécie de biombo da memória que, subtraindo factos e circunstâncias à consciência colectiva, justifica o branqueamento e a resignificação de acontecimentos e legitima a displicência em relação às conquistas, quando não alimenta mesmo trágicos retrocessos.

Ao comemorarmos, hoje, 45 anos do fim do fascismo em Portugal, do desmantelamento de um regime iníquo e indiferente a qualquer noção elementar de dignidade da pessoa humana, que vigiou, intimidou, perseguiu, prendeu, torturou e matou quantos se lhe opuseram – e foram muitos! –, não podemos deixar de expressar a maior inquietação com o novo ascenso do fascismo em muitos países da Europa, incluindo com a chegada ao poder, por via eleitoral, de partidos de extrema-direita.

Parecendo porventura estranho ao objeto desta sessão extraordinária e geograficamente alheio à Assembleia Municipal da Maia, esse perigo bem real (as últimas projecções apontam o risco de eleição de 152 deputados de extrema-direita para o Parlamento Europeu) convoca, pelo



contrário, a reflexão urgente e a acção determinada de todos nós, em ordem a combater e a afastar, ou pelo menos minimizar, as derivas de que esse dramático perigo se nutre.

Justamente porque o Poder Local Democrático é uma das mais importantes conquistas do 25 de Abril, e também porque são os actores políticos que mais de perto lidam com o concreto real dos problemas, anseios e expectativas das populações, os eleitos locais devem estar na linha da frente desse combate.

Cabe-lhes, independentemente da maior ou menor expressão eleitoral de cada força e da dimensão da respetiva representação autárquica, escutar activamente os cidadãos e, atendendo e interpretando com justeza as suas necessidades e sugestões, apresentar projectos e formular propostas em todas as oportunidades que o sistema democrático proporcione.

Muito longe da via fácil da demagogia e do pelos vistos rendível populismo, o desafio que se apresenta aos eleitos locais é o da elevação permanente da qualidade da sua acção política, na qual a apresentação de propostas, também pela oposição, anda a par com a justa crítica à condução da autarquia pela maioria.

É isso que procuramos fazer na CDU. E é essa a noção que temos de dever perante as populações que nos elegem – atribuindo-nos a responsabilidade de gestão autárquica ou confiando-nos a sua representação em minoria, tendo sempre em vista a defesa dos seus direitos e interesses e satisfação das suas necessidades.

Quando convocamos o património programático do Movimento das Forças Armadas e do 25 de Abril, do qual ressalta a consigna dos chamados três “D” – Democratizar, Descolonizar e Desenvolver – é forçoso salientar que, se muito caminho se andou desde então, no que tange à democratização e ao desenvolvimento, muito falta ainda percorrer.

Assim como se deve alertar para o risco de um grave retrocesso que porá em causa importantes avanços e conquistas, à força de tanto quererem acrescentar o verbo Descentralizar, tão precipitada e irresponsavelmente materializado na famigerada Lei n.º 50/2018, fruto de um acordo entre o Governo PS e o PSD.

É patente a dimensão do embuste da pretensa descentralização de competências, que mais não é do que uma transferência de encargos do Estado para as autarquias locais e para as entidades intermunicipais, sem que, sequer, seja acompanhada de correspondentes meios financeiros – um embuste de tal monta que nem a lei-quadro nem os diplomas sectoriais tiveram acolhimento neste, como em muitos outros municípios.

É evidente, por outro lado, o elevadíssimo risco – e, aqui, o surperlativo não é abusivo – de a dita descentralização vir a traduzir-se numa entorse aos princípios da Democratização (política, económica, social, cultural...) e do Desenvolvimento (local, regional, nacional...) tão caros à herança da Revolução de Abril, em consequência de uma verdadeira pulverização de competências que, por definição, devem permanecer na esfera do Estado central, sob pena de agravarem ainda mais desigualdades no acesso, por exemplo, à Educação, à Saúde e à Cultura.



De facto, tratando-se de direitos fundamentais que devem ser garantidos a todos os cidadãos, em condições idênticas, onde quer que residam, áreas como estas não podem estar dependentes das distintas dimensões geográficas, capacidades financeiras e diferenças de programa ou de estilo de gestão local.

Por outro lado, tratando-se também de funções essenciais do Estado, só o Estado, isto é, o Governo e a Administração Central, podem ser responsabilizados pela concepção e execução das políticas públicas e pela qualidade dos serviços públicos que elas implicam.

Como o PCP e a CDU têm alertado, é demasiado elevado o risco de agravamento da degradação da qualidade dos serviços, pela escassez de recursos humanos, técnicos e financeiros a que a dita transferência de competências está condenada.

Não há sequer garantias de reversão, caso, como se receia, a pretensa descentralização falhe, nem de que não venha a transformar-se numa operação capciosa de entrega de mais serviços públicos a interesses privados.

Acresce que, em muitos casos, a engenharia “descentralizadora” efectivamente em marcha acaba por transformar as autarquias locais em meros executores e simples extensões locais da Administração Central, num ataque intolerável à autonomia do Poder Local Democrático, protegido pela Constituição da República, ao mesmo tempo que transferirá para os seus eleitos, do ponto de vista do julgamento popular, a responsabilidade por todos os fracassos.

A circunstância de esta Assembleia Municipal, este órgão deliberativo, ter rejeitado já a transferência genérica de competências, através da Lei n.º 50/2018, e de uma série de competências sectoriais, bem como de preparar-se para, em breve, fazê-lo igualmente em relação a novos diplomas, não ilude o problema, na medida em que, a partir de 2021, ela será imposta aos municípios, independentemente da vontade dos respectivos órgãos executivo e deliberativo.

Estão, assim, na ordem do dia duas discussões que se impõem sem hesitações, com verdade e sem demagogia.

A primeira, manifestamente urgente, já no horizonte das próximas eleições legislativas de 6 de outubro, é a da imprescindível reversão da transferência de competências, com a revogação da respectiva legislação.

A segunda, que as forças concorrentes também devem inscrever nos respectivos programas, é a concretização, enfim, da regionalização, aliás consagrada da Constituição, que há-de ser a pedra angular da reconfiguração das funções competências das administrações do Estado, aos níveis central, regional e local.

No PCP e na CDU, continuamos coerentemente nesse combate.

Disse.

**Exmos. Sr. Presidente da Mesa da Assembleia e Sras. Secretárias**  
**Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal da Maia, Sras. Vereadoras e Srs. Vereadores**  
**Sras. e Srs. Deputados**  
**Sras. e Srs. Presidentes de Junta e demais membros das Assembleias de Freguesia**  
**Autoridades Presentes**  
**Forças Vivas do Concelho e demais Movimentos Associativos**  
**Maiatas e Maiatos:**




## **ABRIL DE ABRIL**

Manuel Alegre

Era um Abril de amigo Abril de trigo  
 Abril de trevo e trégua e vinho e húmus  
 Abril de novos ritmos novos rumos.

Era um Abril comigo Abril contigo  
 ainda só ardor e sem ardil  
 Abril sem adjectivo Abril de Abril.

Era um Abril na praça Abril de massas  
 era um Abril na rua Abril a rodos  
 Abril de sol que nasce para todos.

Abril de vinho e sonho em nossas taças  
 era um Abril de clava Abril em acto  
 em mil novecentos e setenta e quatro.

Era um Abril viril Abril tão bravo  
 Abril de boca a abrir-se Abril palavra  
 esse Abril em que Abril se libertava.

Era um Abril de clava Abril de cravo  
 Abril de mão na mão e sem fantasmas  
 esse Abril em que Abril floriu nas armas.

Na Madrugada de 25 de Abril de 74, na parada da Escola Prática de Cavalaria, em Santarém, Salgueiro Maia (Capitão de Abril) dizia:

"Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado. Os estados sociais, os corporativos e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos! De maneira que, quem quiser vir comigo, vamos para Lisboa e acabamos com isto. Quem for voluntário, sai e forma. Quem não quiser sair, fica aqui!"

Uma frase tão poderosa que de tão atual arrepia. Uma revolução feita por voluntários. A determinação de um homem, um herói a contragosto, bem

visível nos factos que o jornalista Plácido Junior nos relata na revista Visão-História nº 23 de 1 de Março de 2014:

“Foi a sua «ciência» que fez com que, das dez viaturas blindadas, quase todas obsoletas, que na madrugada de 25 de Abril de 1974 saíram de Santarém ao assalto de Lisboa, só uma ficasse pelo caminho. E havia-as sem motor de arranque, uma autometralhadora com a arma presa por arames... Com verdadeiro interesse militar seguiram três Panhard, mas cada uma apenas com cinco munições.(...)E para assegurar o fator surpresa, a coluna percorreu em duas horas os 80 km até à entrada da capital, a uma velocidade média de 60 km/hora, imprópria para blindados. Quem avança assim está muito determinado. Louvor a quem de direito como poetizou Sophia de Melo Breyner:

### **A SALGUEIRO MAIA**

*Aquele que na hora da vitória  
respeitou o vencido*

*Aquele que deu tudo e não pediu a paga*

*Aquele que na hora da ganância  
Perdeu o apetite*

*Aquele que amou os outros e por isso  
Não colaborou com a sua ignorância ou vício*

*Aquele que foi «Fiel à palavra dada à ideia tida»  
como antes dele mas também por ele  
Pessoa disse.*

Voluntários, Abril foi feito por voluntários. Os voluntários da liberdade.  
Canta Sérgio Godinho:

*“Vimos com o peso do passado e da semente  
esperar tantos anos torna tudo mais urgente  
e a sede de uma espera só se ataca na torrente  
(...)”*

*Vivemos tantos anos a falar pela calada  
só se pode querer tudo quanto não se teve nada  
só se quer a vida cheia quem teve vida parada  
(...)”*



*Só há liberdade a sério quando houver*

***a paz***

***o pão***

***habitação***

***saúde***

***educação***

*só há liberdade a sério quando houver*

*liberdade de mudar e decidir*

*quando pertencer ao povo o que o povo produzir.*



Paz/Pão/Habitação/Saúde/Educação

Apraz dizer que algumas personalidades fortes e determinadas deram-nos a democracia, o problema não foi recebê-la, o problema é mesmo mantê-la.

Paz/Pão/Habitação/Saúde/Educação

São nossos direitos, porque estamos num estado de direito democrático, numa república democrática. Mas citando de novo Manuel Alegre “Abril já feito. E ainda por fazer.” De voluntários passamos a técnicos profissionalizados em todas as áreas. A evolução tecnológica desde a década de 70 até aos dias de hoje é avassaladora. Foi uma canção a senha de uma revolução e agora na era das plataformas digitais que a informação ou desinformação chega a todo lado em simultâneo, que temos a possibilidade de com um clique mudar o mundo... E agora???? Voluntários precisam-se!!!

Uma greve de transportadores privados de matérias perigosas causou o pânico e os cidadãos pensaram no imediato, no egoísmo do seu depósito. E se fosse preciso racionar e se fosse mesmo preciso? E se não houvesse camião para levar o pão ao mercado, e se não houvesse ambulância para te levar ao hospital, e se não houvesse autocarro para te levar à escola ou ao trabalho. Se não houvesse: não haveria paz, pão, saúde, educação e habitação.

Onde está a consciência de Abril no cidadão atual? Como dizia Salgueiro Maia “Eis o Estado a que chegamos”.

A República de Abril não formou cidadãos e roubou as palavras ao General Ramalho Eanes:

“A República de Abril ofereceu todas as liberdades, mas esqueceu-se que é necessário criar cidadãos, sobretudo através da educação. Pouco se fez para que a cidadania adulta, exigente e participativa existisse”.

Reinvente-se as comemorações de Abril que Abril não é coisa antiga. A sessão de ontem (Assembleia dos Jovens de dia 24 de Abril) havia de ser a

sessão de hoje. Encha-se esta casa de juventude, ensine-se a liberdade. Ensine-se que a liberdade não rouba o que é do povo, ensine-se que a liberdade é coisa de responsabilidade, de muita responsabilidade, que não é uma brincadeira de crianças, mas que pela voz das crianças se entende a inocência de Abril que os adultos há muito a deturparam. Abril esqueceu-se de formar cidadãos de onde saem os políticos, sérios e conscientes, sirvam-se do exemplo de Salgueiro Maia, tributo não quis nenhum e até o quiseram levar para o Panteão Nacional, mesmo sendo contra a sua vontade.

Abril abriu muitas portas, Abril trouxe muitas liberdades, bendito Abril em que por sua causa todos se podem manifestar e reclamar direitos, fazer greves. Vivam as manifestações! Os cidadãos de outra era, do Novo Regime de Salazar, de boca tapada nada reclamavam, não tinham pão, não tinham habitação, não tinham saúde, nem tinham sapatos nos pés, não tinham chão se quer...

Os políticos de agora, e estamos incluídos nesta designação, têm a obrigação de agradecer ao Salgueiro Maia a sua decisão de naquele dia, tomar de assalto Lisboa, à distância de 80km e a 60 kms à hora, ele chegou lá.

E nós????? Nós temos que ser o exemplo dos princípios de Abril. Nós temos que colocar de lado o nosso individualismo e pensar no povo, a coisa pública que gerimos não é nossa, é de todos. Vivemos uma macrocefalia de decisões, não neguemos, mas temos que pensar de forma humilde, em ano de comemoração de 500 anos do Foral da Maia, de relembrar as nossas raízes, de nos orgulharmos delas, porque a Maia teve a sua parte na edificação do nosso país, que diria Salgueiro Maia? “Eis o Estado a que Chegamos!”

Citando de novo Manuel Alegre

“Era um Abril comigo Abril contigo  
ainda só ardor e sem ardil  
Abril sem adjectivo Abril de Abril.”

E tem que voltar as ser “Um Abril ardor e sem ardil”. Está nas mãos da República mudar os cidadãos, se assim não for quem sofre são os mais fracos. Esta mudança também começa aqui nesta casa. A má gestão da coisa pública, compromete a família, na qual se inclui a família maiata. A família maiata é um retrato das condições que lhe são dadas: emprego, habitação, educação, saúde e transporte. Obviamente na política de um país.

A 12 de Março de 2019 lia-se no Jornal O Observador o seguinte:

“O número de casos de homicídio em contexto de violência doméstica, investigados nos dois primeiros meses do ano pela Polícia Judiciária (PJ),

representa quase metade do total de homicídios investigados no mesmo período. Dos **23 inquéritos abertos por homicídio consumado em janeiro e fevereiro, 11 tiveram como cenário casos de violência doméstica**, de acordo com dados revelados pela PJ.”

**12 agressores, suspeitos da morte de 14 vítimas.** Entre elas há, de acordo com a PJ, **dois homens e 12 mulheres.** O número inclui Lara, uma menina de dois anos que foi assassinada pelo pai, no Seixal.

Lara, chamemos-lhe pelo nome, não chegou a provar a liberdade. Onde está o 25 de Abril da Lara?

Na Maia deram entrada entre Janeiro de Dezembro de 2018, um total de 646 processos, na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, cujas instalações, estão, infelizmente, muito aquém das suas necessidades.

Em grande parte destes processos, a problemática mais sinalizada é a violência doméstica. Grande parte mesmo! Os números falam por si: falamos de valores acima dos 30% para os vários escalões etários. 30% das crianças e jovens que se encontram em situação de risco com processos abertos pela CPCJ da Maia sofrem de e pela violência doméstica. Este é o mês da prevenção contra os maus tratos infantis, um gesto, uma simbologia, o laço azul que trago comigo é para que não caia no esquecimento o que ainda temos que fazer para melhorar as vidas das nossas meninas e meninos.

É também muito expressivo o absentismo escolar. Nos tempos de agora, depois de Abril, ABSENTISMO ESCOLAR? Parece estranho, mas é real e é real no nosso concelho. Segue-se a NEGLIGÊNCIA E ABANDONO. Estes dois últimos poderiam ser atenuados através de uma boa rede de transportes que dê resposta às necessidades das freguesias periféricas da Maia. Há freguesias na Maia que quase não tem transportes públicos. Há muito a fazer em termos de habitação social, mesmo muito. As freguesias de Folgosa, S. Pedro de Fins têm a uns bons quilómetros de distância o seu centro de saúde, não têm transportes públicos para se deslocarem a esses centros de saúde.

Paz/Pão/Habitação/Saúde/Educação são os pilares da Família quer seja nuclear quer seja monoparental. Aqui estão os alicerces que permitirão às nossas crianças crescer, como depois de Abril se pretende. É que o futuro de Abril depende dos jovens de hoje e nós é que lhe damos o exemplo.

Deixo uma reflexão: que exemplo é que estamos a dar?

E termino citando Sophia de Melo Breyner, porque Abril não teve heroínas militares mulheres, que as mulheres à data estavam completamente sufocadas pelo regime e muitas apenas votaram pela primeira vez em 75.



## “Esta Gente



Esta gente cujo rosto  
Às vezes luminoso  
E outras vezes tosco

Ora me lembra escravos  
Ora me lembra reis

Faz renascer meu gosto  
De luta e de combate  
Contra o abutre e a cobra  
O porco e o milhafre

Pois a gente que tem  
O rosto desenhado  
Por paciência e fome  
É a gente em quem  
Um país ocupado  
Escreve o seu nome

E em frente desta gente  
Ignorada e pisada  
Como a pedra do chão  
E mais do que a pedra  
Humilhada e calcada

**Meu canto se renova  
E recomeço a busca  
De um país liberto**

De uma vida limpa  
E de um tempo justo .

**Viva Abril!**

**Viva a Maia!**

**Viva a República!**

**Viva Portugal!**

**P'la Bancada da Coligação Um Novo Começo**

**Carla Susana Ferreira Dias**

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'C. Susana'.A handwritten signature in black ink, appearing to be 'C. Susana'.



Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Maia e  
Senhoras Secretárias da Mesa,

Exmas. Senhoras e Senhores Deputados Municipais,



Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Maia e demais  
membros do executivo municipal aqui presentes,


Exmos. Senhores Presidentes de Junta de Freguesia e demais  
autarcas de freguesia aqui presentes,

Exmas. Autoridades e representantes da Sociedade Civil,  
coletividades e instituições maiatas,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Abril é Evolução!

Passados que estão 45 anos sobre o Golpe de Estado Militar do 25  
de Abril, que deu origem à Revolução dos Cravos, a melhor forma de  
continuarmos a cumprir Abril é procurar a Evolução, procurar o  
aperfeiçoamento, procurar o desenvolvimento, procurar o progresso...

Cumprir Abril é, assim, lutar por uma sociedade mais justa e equitativa, sem esquecer a valorização do mérito e da competência dos indivíduos que a compõem. 

Por ocasião desta data, que marca um ponto de viragem entre duas formas de organizar a sociedade: a autoritária e a democrática – sugiro que regressemos aos três D que sintetizam as palavras-lema do Movimento das Forças Armadas: democratizar, descolonizar, desenvolver.

Com convicção, podemos afirmar que estes desígnios foram alcançados, contudo, eles não estão esgotados e, de forma alguma, garantidos.

É preciso continuar a lutar, é preciso continuar a aprender, é preciso continuar a evoluir, no sentido em que atrás aludi.

Democratizar e Desenvolver são desígnios intemporais, pelos quais há sempre algo a fazer, a conquistar.

A tentativa de judicialização da política e as notícias falsas são ameaças claras a estes dois D essenciais do que é cumprir Abril. Estas



ameaças já grassaram em vários países nos últimos anos e conhecem tentativas de frutificação em Portugal.

A estratégia de judicialização da política é óbvia quando assistimos a tentativas desesperadas de usar o Direito como arma de guerra política e partidária, com a finalidade de contrariar os resultados legitimamente obtidos através de eleições livres e democráticas. Com isto, não existe nenhum pejo em colocar em causa o princípio da separação de poderes, e o normal funcionamento das instituições democráticas, como é o exemplo desta mui digna Assembleia Municipal. Não há, também, nenhum pejo em sacrificar direitos individuais e demais garantias jurídicas, bem como a presunção de inocência.

Por outro lado, perante campanhas de desinformação, que pretendem gerar confusão e desconfiança, o cidadão comum encontra dificuldades em distinguir a mentira da verdade, estando sujeito a novas e a velhas formas de totalitarismos e autoritarismos. O combate aos conteúdos falsos, aos perfis falsos nas redes sociais é, hoje, mais do que nunca, uma questão democrática. Na Maia, em Portugal, na Europa e no





Mundo, temos que afinar o nosso sentido ético de forma a combater este

flagelo, que afasta, ainda mais, os melhores e os mais competentes da política. E afasta-os porque não estão dispostos, nem têm que estar, a verem a sua honra e a sua dignidade manchadas por boatos, por difamações, por campanhas de desinformação, por narrativas demagógicas e populistas, que servem os interesses daqueles que têm sede de poder, que não olham a meios para atingir os fins e que se comportam como autênticos incendiários da democracia, agindo em função de interesses pessoais e particulares, ocultando, não raras vezes, percursos de vida e currículos académicos e profissionais medíocres.

A qualidade da democracia está em causa e, com ela, o nosso desenvolvimento pleno, sendo, por isso, esta questão, um problema do jornalismo, dos partidos, dos governos, das empresas, das forças vivas das comunidades e de todos e cada um de nós.

Todos temos que estar atentos, todos temos que ser rigorosos, e é por isso que temos que colocar a alfabetização mediática em cima da mesa, para salvaguardar a democracia.

Senhor Presidente,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Na Maia, o 25 de Abril abriu caminho a uma autêntica Revolução que conferiu maior qualidade de vida e progresso social, por ação do poder local democrático, mais do que em qualquer outro Município à nossa volta.

Por esse motivo, ao evocar Abril na Maia, somos convocados a homenagear todos os autarcas que, nas freguesias ou no município, deram e continuam a dar, todos os dias, o melhor de si, quantas vezes com sacrifício pessoal e familiar, colocando o interesse da sua Terra e da sua Gente em primeiro lugar.

A coligação “Maia em Primeiro” não se esquece desse facto, comprovado quotidianamente, e a maioria dos maiatos também não.

Mas o poder local democrático, por si só não chega, quando queremos assegurar uma visão mais ambiciosa e numa escala territorial regional.

*M* Com isto chego ao D que falta. O de descolonizar. Parece cumprido, mas não está. *ds*

Chegamos a 2019 com um país onde grassa a injustiça territorial e, por essa via, a social. Onde as assimetrias entre o litoral e o interior e entre Lisboa e o resto, ameaçam a nossa integridade. Onde as oportunidades se afunilam para a força centrípeta exercida pela capital do Império, concentrando aí as principais forças da Corte, qual República imitando os piores exemplos da Monarquia Absoluta de pleno séc. XVIII, como se nada tivesse mudado, entretanto.

Um sobressalto cívico exige-se, para combater esta colonização encapotada, imposta pela Capital.

Cumprir Abril implica repensar o papel do Estado-nação na atualidade. Implica descentralizar e implementar a regionalização. Implica maior proximidade à população. Implica deslocalizar organismos públicos de Lisboa para outros pontos do país, promovendo a dispersão do emprego público e qualificado, por outras cidades médias e, aí sim, dando um contributo decisivo para atenuar os contrastes Litoral-Interior.



Implica delinear uma estratégia de médio/longo prazo com um plano de ação concreto e que reúna o consenso alargado dos partidos mais representativos da sociedade portuguesa.

Mas deslocalizar e desconcentrar não chega. É preciso encarar a regionalização como reforma fundamental do Estado e da Administração, capaz de promover o desenvolvimento mais equitativo do nosso país, contribuindo, dessa forma, para o fortalecimento da integridade nacional.

Não se trata de aumentar a despesa com novas estruturas e com novos cargos políticos, trata-se de conferir legitimidade democrática e autonomia à escala regional. Escala que existe, mas que está colonizada pela designados serviços periféricos da administração direta do Estado como as Direções-Regionais, ou pela administração indireta do Estado, como as Administrações Regionais.

O debate sobre estas temáticas tem que avançar, pois, inclusivamente, no contexto da OCDE, já se concluiu, há muito, que uma governação descentralizada tem uma correlação positiva com o desenvolvimento económico e social e com menos corrupção. As

vantagens associadas ao princípio da subsidiariedade são evidentes e, se por um lado, a escala municipal é demasiado pequena, a escala nacional é desajustada e afasta-se dos problemas concretos das regiões.

Particularmente sobre a Regionalização, alguma experiência diz-me, também, que os passos têm que ser dados com cautela e devem ser consequência de um processo de reflexão e debate, aprofundado, que esclareça os defensores e os céticos, sobre as vantagens ou eventuais desvantagens do processo de regionalização.

Como referiu o Prof. Vieira de Carvalho, em 1995, e passo a citar: “A Regionalização é um quadro claramente fortalecedor da unidade nacional. Da unidade nacional sem constrangimentos, sem explorações, sem artificialismos, sem exorbitâncias e, porque não dizê-lo, da unidade nacional sem hipocrisias. [...] É...uma afirmação da liberdade, da capacidade criativa e de realização, de força mobilizadora, de solidariedade, de vontade construtiva e de fecundidade para o progresso e para a paz”. Fim de citação.



A sociedade civil tem que despertar para o imperativo cumprimento de um novo D. O D de descentralizar, para continuar a democratizar e a desenvolver.

Para reforçar a nossa Liberdade.

Para conquistar um melhor futuro.

Para continuar a cumprir Abril!

Obrigado pela atenção!

Pelo Grupo Municipal da coligação “Maia em Primeiro”.

Hélder Tiago Ferreira Quintas de Oliveira

Maia, 25 de abril de 2019

COMEMORAÇÕES, 25 ABRIL - 2019



Senhor Presidente da Câmara Municipal,  
Senhoras e Senhores Deputados Municipais,  
Estimados Maiatos,



Antes de iniciar esta minha intervenção, permitam-me uma nota prévia de agradecimento aos trabalhadores do Município que, com o seu trabalho e dedicação, tornaram possível a realização destas comemorações da evocação do 25 de Abril, o Dia da Liberdade.

Comemorações que começaram ontem com a Assembleia Jovem e têm, hoje, nesta Assembleia Municipal um dos seus momentos mais relevantes.

A todos o meu muito obrigado.

Senhor Presidente da Câmara Municipal, agradeço todo o empenho na realização desta Cerimónia

Senhoras secretárias da Mesa da Assembleia

Senhoras e Senhores Vereadores aqui presentes,

Senhoras e Senhores Presidentes de Junta de Freguesia,

Senhoras e Senhores Deputados Municipais,

Uma palavra de agradecimento, ao anterior Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Luciano Gomes, obrigado pela sua presença, nesta cerimónia

Demais Autarcas aqui presentes,

 Senhores Representantes dos Partidos Políticos,

 Senhores Representantes das Forças Policiais,

Demais Autoridades Cíveis, Militares, de Socorro e de Segurança aqui presentes,

Senhor Provedor do Município

Senhoras e Senhores Dirigentes Associativos das Associações e Coletividades Maiatas,

Demais Convidados,

Órgãos de Comunicação Social,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Caras e Caros Maiatos,

Em primeiro lugar uma saudação muito calorosa de profundo agradecimento às crianças, maestros, maestrinas, pais e encarregados de educação dos Coros que abrilhantaram esta Sessão Solene evocativa do Dia da Liberdade.

Uma palavra também de gratidão às Bandas do nosso Concelho, a Banda Marcial de Gueifães e a Banda de Música de Moreira, instituições de referência a nível nacional, com uma riquíssima história em prol da formação musical dos jovens e da preservação da identidade cultural do nosso Concelho e que, embora disponíveis, não foi possível a sua atuação devido às más condições atmosféricas.

Para todos estes nossos artistas deixo o nosso reconhecimento, o reconhecimento da Assembleia Municipal da Maia e para todos, sem exceção: músicos,





coralistas, maestros, maestrinas, dirigentes das respetivas Coletividades que com a preciosa colaboração dos pais e encarregados de educação conseguem manter bem viva a identidade cultural da nossa Maia.

Para todos eles eu peço uma grande salva de palmas.

Senhor Presidente da Câmara Municipal,

Senhoras e Senhores Deputados Municipais,

Caras e Caros amigos Maiatos,

Há 45 anos atrás o País acordava com alguma apreensão pelas notícias que chegavam mas com o sentimento de uma nova esperança.

Pelas mãos dos capitães de Abril terminava um Regime de Ditadura que hipotecava o futuro de Portugal enviando os seus melhores para uma guerra sem sentido e abria-se assim uma janela de esperança corporizada com o histórico primeiro de Maio de 1974.

Depois vivemos o histórico Verão quente em que muitas injustiças foram praticadas contra pessoas de bem, apenas e só pela inveja e calúnia dos delatores.

Não será por acaso que a nossa maior referência da Literatura Nacional, Luís Vaz de Camões termina os Lusíadas com a palavra "inveja".

Hoje, passados 45 anos do 25 de Abril de 1974, em que a nossa Democracia já está numa fase adulta, podemos constatar que a revolução de Abril só ficou completa com o 25 de Novembro de 1975 em que um grupo operacional de militares, nesse dia, chefiado por Ramalho Eanes, conseguiu contrariar uma revolta de um grupo de militares e, a partir desse momento, substituiu-se

o PREC - Processo Revolucionário em Curso, pelo Processo Constitucional em Curso, permitindo que se instaurasse em Portugal a democracia pluralista, uma política e constitucionalmente baseada num regime semi-presidencialista, e economicamente baseada numa economia de mercado, como hoje a conhecemos.

Senhor Presidente da Câmara,

Senhoras e Senhores Deputados,

Caras e Caros Maiatos,

Com esta revisitação da história contemporânea do nosso País pretendo refletir convosco sobre o contributo que todos temos que dar para o fortalecimento da Democracia.

E para a Democracia ser forte é necessário que os políticos tenham a responsabilidade de colocar os interesses do País e das Comunidades acima de qualquer interesse circunstancial pessoal, partidário ou de projeto de conquista de poder.

Há limites que não devem ser ultrapassados sob pena de se estar a contribuir para a descredibilização da política e, dessa forma, contribuir para a ascensão dos populismos ou, mais grave, para o afastamento dos cidadãos pelos atos eleitorais.

E isso é extremamente perigoso.

Não faltam exemplos na História da Humanidade bem reveladores desse perigo e das tragédias a que conduziram.

Por isso, pensar global e agir localmente é um princípio fundamental para darmos o nosso contributo para o fortalecimento da Democracia.

Quando se judicializa a política.

Quando não se olham a meios para atingir determinados fins,

Quando a ética é ignorada em prol do imediatismo e do populismo,

Quando as notícias falsas estão cada vez mais presentes nas redes sociais,

Quando o debate político não é elevado,

Evidentemente que o descrédito se instala e os valores da Liberdade e da Democracia perdem terreno.


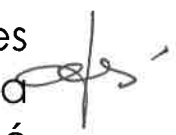
É contra este estado de coisas que todos, repito, todos, temos que trabalhar.

Trabalhar não só com palavras, mas, fundamentalmente, com atos.

Atos que elevem o debate político assente no respeito e na verdade para que a divergência e o contraditório sejam pilares fundamentais para o sistema democrático.

Atos que permitam que o escrutínio e a transparência sejam essenciais para a saúde da Democracia.

Atos que valorizem as Pessoas e que permitam que a coesão social e a igualdade de oportunidades sejam o dinamismo da ação política local, regional, nacional e Europeia.

MA  Por isso, neste ano, em que seremos chamados a participar nas Eleições Europeias de Maio e nas Eleições Legislativas de Outubro - Os nossos concidadãos da Madeira ainda terão pelo meio as Eleições Regionais - é fundamental que todos contribuam para a discussão, para o debate e para o esclarecimento dos cidadãos no sentido de que se consiga que a abstenção seja cada vez menor. 

Senhor Presidente da Câmara Municipal,

Senhoras e Senhores Deputados Municipais,

Caras e Caros Maiatos,

Termino desejando que os próximos meses sejam a afirmação da Liberdade e da Democracia no respeito das regras democráticas e do respeito entre todos.

Porque está em causa o futuro. O futuro de todos nós, mas principalmente o futuro dos jovens, todos temos o dever de participar ativamente nos atos eleitorais, informando-nos sobre as propostas que as várias candidaturas apresentam e, depois, no dia das eleições, dedicamos alguns minutos da nossa vida para expressarmos as nossas escolhas através do voto livre e democrático.

Não faz sentido apelar à liberdade e à democracia e depois, na hora da verdade, deixar as decisões nas mãos dos outros.

A Maia e os Maiatos sempre souberam ser referência de participação cívica e democrática, estou certo que assim continuará a ser, saibam as pessoas com responsabilidades políticas, nos mais diversos domínios, estar à altura dessas responsabilidades, pela Maia e pelos Maiatos.

Viva a Maia,

Viva a Democracia

Viva a Liberdade.

António Bragança Fernandes

Handwritten signature in cursive script, appearing to be 'af's'.Handwritten signature in cursive script, appearing to be 'BA'.Handwritten signature in cursive script, appearing to be 'A'.